

Das mutilações étnicas dos Mucussos e Cuangares

POR

MARIA EMÍLIA DE CASTRO E ALMEIDA

Na província de Angola, em regiões do Cuando-Cubango, habitam dois povos bantos, os Mucussos e Cuangares, que, como os demais povos pretos do território, praticam estigmações corporais. A razão por que o fazem não é ainda bem clara, devendo no entanto explicar-se por motivos de carácter mágico-religioso e de iniciação pubertária.

A Missão Antropobiológica de Angola, chefiada pelo Prof. ANTÓNIO DE ALMEIDA, em que colaborámos, realizou em 109 homens e 25 mulheres cuangares e em 100 homens e 25 mulheres mucussos (uns e outros com idades prováveis compreendidas entre os 20 e os 50 anos), um inquérito sobre mutilações étnicas, geralmente efectivadas entre estes indígenas, segundo a seguinte ordem: perfuração auricular, mutilação dentária, tatuagem e, por fim, outras mutilações.

1. *Perfuração auricular:*

Entre os Mucussos e os Cuangares a operação mutiladora auricular pratica-se exclusivamente no lóbulo das orelhas.

Normalmente, esta intervenção é feita por pessoa da família ou por um estranho, e só até aos quatro anos, com o auxílio de um pauzito aguçado ou de um alfinete; seguidamente, colocam no orifício lobular — para impedir a sua oclusão — um fio vegetal, conservando-se ali até à cicatrização. Os pais, ou pelo menos a mãe da criança, terão de guardar certos tábus alimentares (não comer sal e piri-piri, para evitar infecções ou atraso na cicatrização) e por vezes outros de carácter sexual, aliás também estreitamente ligados ao aleitamento da criança.

Por considerarem de grande efeito estético um largo buraco lobu-

lar, os Bantos empenham-se em ampliá-lo por meio da introdução de pauzitos de diâmetro progressivamente maior.

A série dos Mucossos do sexo masculino aparece em cerca de metade com lóbulos furados ($45,20 \pm 4,93 \%$). Destes perfuram as duas orelhas $17,67 \pm 3,96 \%$, a direita $9,84 \pm 2,97 \%$ e a esquerda $17,67 \pm 3,96 \%$.

Também perto de metade das mulheres mucussas ostentavam as orelhas furadas — $40,00 \pm 9,97 \%$ —, repartindo-se deste modo: $20,00 \pm 8,00 \%$ de casos com ambos os lóbulos perfurados, $12,00 \pm 6,00 \%$ com o direito, e somente $8,00 \pm 6,00 \%$ com o esquerdo.

Comparando as percentagens obtidas na série masculina, com as da série feminina, atraí-nos a atenção o facto de se alterarem as percentagens, modificando-se mesmo a ordem da sua distribuição. A percentagem da mutilação nas orelhas direita e esquerda aparece invertida nos dois sexos.

Averiguámos também as percentagens de lóbulos aderentes ou pequenos, observando que se eleva a $62,70 \pm 4,72 \%$ nos homens e a $48,00 \pm 10,00 \%$ nas mulheres. Se considerarmos, como muitos autores, que a aderência de lóbulos ou o seu escasso tamanho são um sinal de inferioridade, concluiremos pela superioridade das mulheres mucussas relativamente ao sexo oposto. Mas esta ocorrência e porventura outras aparentemente estranhas, explicar-se-ão pela diminuta série feminina, em relação à dos homens.

Procurou-se ainda ligar a pequenez dos lóbulos com a ausência de mutilação, chegando-se aos seguintes resultados: $25,50 \pm 4,28 \%$ e $24,00 \pm 8,63 \%$ respectivamente de indivíduos masculinos e femininos com mutilação auricular e pequeno lóbulo; enquanto a percentagem dos indivíduos masculinos mutilados e com lóbulo normal sobe a $19,60 \pm 3,96 \%$, a das mulheres atinge $16,00 \pm 7,94 \%$. O significado destes valores é evidente: a presença de mutilações pode ter que ver com as dimensões dos lóbulos auriculares.

Apreciámos as percentagens desta estigmatização nos Cuangares de ambos os sexos: no sexo masculino apresenta-se em perto de três quartos de indivíduos ($74,30 \pm 3,84 \%$), predominando a mutilação do lóbulo esquerdo, $48,60 \pm 4,79 \%$, seguindo-se a direito $19,25 \pm 3,84 \%$ e finalmente, a mutilação em ambos os lóbulos em $6,43 \pm 2,08 \%$.

A perfuração auricular nas mulheres Cuangares mostra-se na sua quase totalidade $91,90 \pm 6,00 \%$ distribuindo-se assim em ordem decrescente: lóbulo esquerdo $40,00 \pm 9,79 \%$, ambos os lóbulos $36,00 \pm 9,53 \%$

e lóbulo direito $16,00 \pm 7,14 \%$. É interessante notar que, também nas mulheres mucussas, em relação aos respectivos homens, se deu uma inversão de percentagens de mutilações no que respeita às duas orelhas e ao lóbulo direito; a percentagem de perfurações no lóbulo esquerdo continua a dominar.

Fomos calcular ainda as percentagens de lóbulos aderentes em homens e mulheres no sexo masculino $53,20 \pm 4,77 \%$ e no feminino $40,00 \pm 9,79 \%$. Nesta série repete-se facto análogo ao que surgiu na dos Mucussos.

Igualmente investigamos nos Cuangares, a exemplo do que havíamos feito nos Mucussos, a ligação que poderia haver entre a tendência para a mutilação e a presença de lóbulo mais ou menos desenvolvido. Encontrou-se uma percentagem de $40,00 \pm 4,88 \%$ de homens e de $36,00 \pm 9,52 \%$ de mulheres com lóbulos aderentes ou diminutos e com mutilação, enquanto que as percentagens dos indivíduos com lóbulo normal e mutilação era de $33,99 \pm 4,57 \%$ homens, e de $41,60 \pm 9,77 \%$ mulheres. Quer isto dizer: tal como havíamos concluído entre os Mucussos, também entre os Cuangares a existência ou não de mutilação auricular pode ser condicionada pelo tamanho do lóbulo, mascarada nestas gentes pela grande frequência mutilatória nos dois sexos.

Confrontando os resultados obtidos entre os Cuangares com os dos Mucussos chegamos às seguintes conclusões: os Cuangares praticam a perfuração auricular em maior número do que os Mucussos. Naqueles, tanto no sexo masculino, como no feminino, a percentagem parcial mais alta é a dos que realizam a perfuração em ambas as orelhas, ao passo que nos Mucussos dos dois sexos predomina a mutilação na orelha esquerda.

A percentagem de indivíduos, possuindo simultâneamente lóbulos aderentes e estigmatização auricular, é tanto nos Mucussos como nos Cuangares, mais elevada no sexo masculino do que no feminino.

Os Bantos em observação respondem, quando interrogados sobre razões da prática mutiladora lobular, *que é para ficarem bonitos*, pondo enfeites. Como se vê, através dos tempos, os Mucussos e os Cuangares desvirtuaram o significado ritual desta operação mutiladora, — certamente outrora um grande passo inicial a caminho do estado adulto, transformando-o num mero acto de garridice, ou de preocupações estéticas.

Na realidade, são muitos e variados os enfeites com que os

Mucussos e Cuangares adornam as orelhas: alfinetes de ama, fios de missanga, bocaditos de madeira, capim, argolas, pedaços de latão e cobre, botões, etc..

2. *Mutilação dentária:*

Os Mucussos e Cuangares fracturam e limam os dentes incisivos em ambas as maxilas, ou apenas numa delas, na superior principalmente. Estas mutilações pertencem ao primeiro e segundo tipos da classificação de Magitot, respectivamente: 1) por fractura do ângulo dos incisivos, e 2) por limagem ou por fractura e limagem dos bordos dos incisivos (produzindo-se aguçamento ou adelgaçamento em uma ou mais pontas, depressões circulares, ou em feitiço de V direito ou invertido, secção de ângulos de dentes vizinhos, etc.).

A mutilação dentária realiza-se à volta dos sete anos, por homem especializado. O operador introduz na boca do individuo a mutilar um pedaço de madeira a que faz encostar os dentes a arranjar, e posteriormente apoia sobre a região que quer atingir, a lâmina de uma faca, dando depois no dorso desta uma pancada. Seguidamente realiza-se a limagem das regiões fracturadas.

Para evitar derrames sanguíneos, que raramente surgem, segundo o conceito dos Bantos, a intervenção tem de fazer-se de manhã, no tempo seco e com o indígena em jejum.

A quando desta operação, os pais do operado obrigam-se a certas restrições de carácter alimentar e sexual, a fim de os dentes do mutilado não apodrecerem e caírem.

A percentagem dos homens mucussos, que arranjaram os dentes, foi de $93,18 \pm 2,15 \%$, isto é, a sua quase totalidade; destes $5,88 \pm 2,15 \%$ fizeram a mutilação em ambas as maxilas, e $87,30 \pm 3,54 \%$ só na maxila superior.

Também quase todas as mulheres mucussas praticaram a mutilação dentária, quer nas duas maxilas, quer apenas numa delas, $84,00 \pm 7,14 \%$. A percentagem dos individuos que tinham somente mutilações na maxila superior era muito elevada: $76,10 \pm 4,35 \%$, e a dos que a realizaram em ambas ($8,00 \pm 6,00 \%$) é escassa, e nula a percentagem dos que a fazem nos dentes da maxila inferior.

Analisando os resultados advindos das séries dos dois sexos dos Mucussos, verificámos que estão de acordo. Em ambos os grupos as percentagens de individuos com mutilações é enorme, tornando-se interessante vincar que a percentagem nos homens é razoavelmente supe-

rior à das mulheres. Este facto ajusta-se ao que dissemos atrás: a mutilação um tanto aparatosa e cruenta, traduzirá mais uma atitude de coragem do que pròpriamente vaidade, e daí o seu predomínio no sexo masculino.

A distribuição das percentagens pelas diferentes categorias de mutilações dentárias — sòmente na maxila superior, em ambas as maxilas e apenas na maxila inferior — faz-se de maneira semelhante nos três casos.

Um problema curioso consiste em tentar relacionar a cárie e outras doenças de dentes, com a fractura e limagem. A fim de apreciarmos este assunto, calculámos a percentagem de Mucussos de ambos os sexos, que haviam feito mutilação dentária possuidores de má dentadura, e posteriormente verificámos os que, sofrendo de doença dentária, nunca haviam praticado qualquer intervenção mutilante. As percentagens dos primeiros são, nos homens e nas mulheres, respectivamente $3,92 \pm 2,15 \%$ e $12,00 \pm 6,00 \%$, a dos segundos ascende apenas a $0,98 \pm 0,90 \%$ e a $8,00 \pm 6,00 \%$. Como é natural, os maiores valores, na realidade pequenos, situam-se entre os indivíduos que praticam a mutilação. É possível que alguns dos Mucussos incluídos no segundo agrupamento devessem antes introduzir-se no primeiro, visto que é muito provável que tenha havido de facto ligeira mutilação, e que, por ter sido praticada em baixa idade, se atenuou ou foi esquecida.

Também os Cuangares apreciam muitíssimo o «arranjo dos dentes», como eles dizem; por isso a percentagem total foi de $94,40 \pm 2,08 \%$, repartindo-se, pelas seguintes categorias, deste modo: em ambas as maxilas, $57,80 \pm 4,77 \%$, na maxila superior $35,80 \pm 4,57 \%$ e na inferior $0,92 \pm 0,90 \%$.

As mulheres cuangares igualmente se interessam pela mutilação dentária, sendo, no entanto, ligeiramente mais baixa do que nos homens a percentagem das que a praticam: $91,90 \pm 6,00 \%$. As cuangares praticam preferentemente a mutilação em ambas as maxilas ($60,00 \pm 9,70 \%$) seguida da realizada na maxila superior $28, \pm 9,14 \%$ e na inferior $4,00 \pm 3,91 \%$. Confrontando os valores achados no sexo masculino com os do sexo feminino, verifica-se que, embora as percentagens defiram algo, a sua distribuição pelos diversos grupos é a mesma.

Tal como fizemos no caso dos Mucussos, também nos Cuangares procurámos a relação existente entre as anomalias dentárias destas gentes e a respectiva mutilação. A percentagem dos indivíduos que

tinham cárie, ou outras doenças de dentes, e a dos que realizaram o «arranjo dos dentes» elevou-se a $9,17 \pm 2,88 \%$, ao passo que a dos que sofriam de dentes sem haverem praticado mutilação é pequena — $1,84 \pm 0,37 \%$.

No caso das mulheres, a percentagem das que mutilaram os dentes e que também possuem moléstias dentárias subiu a $12,00 \pm 6,00 \%$ e a das que tinham afecções dentárias sem nunca fazer mutilação atingiu $4,00 \pm 3,90 \%$. Deve observar-se que a percentagem das mulheres com padecimentos dentários é superior à dos homens, facto de que desconhecemos a causa.

Comparando os resultados obtidos entre os Cuangares com os dos Mucussos, concluímos o seguinte: o número de componentes dos dois grupos étnicos que fizeram a mutilação é muito elevado em ambos, especialmente no sexo masculino. Também a maneira como se distribuem as percentagens em Mucussos e Cuangares diferem nitidamente; nos Cuangares predominam os indivíduos mutilados em ambas as maxilas, enquanto nos Mucussos abundam especialmente os que fracturaram os dentes só na maxila superior. Embora seja muito pequena a percentagem dos que apresentam mutilação dentária na maxila inferior, entre os Cuangares ainda existem alguns casos, ao contrário dos Mucussos, em que nenhum se conta.

O arranjo dos dentes entre Mucussos e Cuangares, tal como sucedia com a mutilação auricular, é considerada apenas como meio de *ser bonito*. No entanto, tendo em conta a idade em que se realiza esta última, bem como o sofrimento que acarreta e as prescrições alimentares a que obriga, e ainda a existência de maior percentagem de mutilações nos homens do que nas mulheres, levam-nos, de acordo com António de Almeida a emitir a opinião de que se tratará de um acto de iniciação, um rito de passagem à puberdade, a caminho da idade adulta, a etapa máxima da vida dos indígenas, cujo significado mágico-religioso se haverá perdido em parte.

3. *Tatuagem:*

Os Mucussos e Cuangares, como aliás todos os Bantos, realizam estigmatizações cutâneas por ser «senga», por ser bonito, mas que no entender de António de Almeida, que perfilhamos, constituirá mais um dos difíceis degraus na ascensão ao estado adulto. É possível, porém, que estes povos já tenham esquecido a primitiva significação da prática da tatuagem. A própria idade em que se efectiva a ope-

ração, geralmente depois da das mutilações dos dentes, vem de certo modo corroborar o nosso ponto de vista.

Os povos bantos em estudo realizam dois tipos de tatuagem — mista e em relevo, na sistematização de Bettencourt Ferreira. O primeiro é conseguido por um perito, servindo-se de uma faca e pó de carvão vegetal, ou de uma tinta extraída de algumas plantas.

O operador incisa com a faca a pele do indivíduo — que se encontra deitado de costas — a pequenos golpes, depondo nestes seguidamente a substância corante. O segundo tipo consta de cicatrizes quelóides provocadas normalmente por um ferro ardente, ou carvão em brasa e só excepcionalmente por instrumento cortante. Durante o período da cicatrização, os pais do tatuado e ele próprio, se já é crescido, guardam certos tâbus alimentares e sexuais.

Duma maneira geral, os Mucussos e Cuangares praticam a estigmatização mista, mormente no rosto, mas também no corpo e nos membros; a tatuagem em relevo, ao contrário, mostra-se preferentemente nos braços e antebraços.

As tatuagens do tipo misto, mais vulgares no sexo feminino do que no masculino, limitam-se a sinais geométricos: linhas paralelas, verticais, na parte média da fronte e no dorso do nariz, linhas contínuas simples ou duplas, de um ou de ambos os lados da face, na fronte, ou dirigindo-se de aqui para as regiões malares, linhas circulares ladeando os prômulos ou passando sobre estes e seguindo para os cantos da boca.

No resto do corpo as linhas abundam igualmente, tomando de quando em vez o aspecto de figuras geométricas (rectângulos, trapézios, etc.) ou de linhas contínuas, quebradas, localizando-se mais especialmente no tórax, abdómen e nas regiões lombo-dorso-sagradas.

Entre os homens mucussos, $33,333 \pm 4,72$ % ostentavam tatuagem mista e em relevo; destes $16,90 \pm 3,53$ % apresentavam mutilações no tronco e membros, $9,84 \pm 2,97$ % no rosto e $7,84 \pm 2,97$ % no rosto, tronco e membros.

A percentagem das mulheres mucussas com tatuagem de qualquer dos tipos mencionados era grande — $84,00 \pm 7,14$ %, ou seja, cerca de quatro quintos da sua totalidade; deste elevado montante de estigmatizados, a percentagem mais frequente era a dos indivíduos que se incisavam apenas no tronco e membros $52,00 \pm 10,00$ %, sucedendo-se a dos tatuados no rosto e no resto do corpo com tatuagem mista ou em relevo ($20,00 \pm 8,00$ %); só $12,00 \pm 6,00$ % tinham mutilações no rosto (sempre de tipo misto).

Confrontando as percentagens de mutilações existentes nos dois sexos dos Mucussos, procurámos as analogias e diferenças aparecidas entre estas séries. As mulheres tatuam-se em muito maior número do que os homens, e tanto uns como outros preferem estigmatizar-se sòmente no tronco e membros, vindo depois em percentagens próximas ou baixas, os indivíduos que se incisaram no rosto, ou no rosto e resto do corpo.

Considerando a distribuição das tatuagens nos Cuangares homens e mulheres, verificámos que a percentagem de homens portadores da mutilação cutânea não é muito alta — $16,52 \pm 3,84 \%$ ou seja perto de um quinto da totalidade. A percentagem parcial dos tatuados no rosto é dominante — $12,84 \pm 3,43 \%$, enquanto que a dos tatuados no rosto e resto do corpo, e sòmente no tronco e membros é escassa, em cada uma das modalidades — $1,84 \pm 0,37 \%$.

As mulheres cauangares, tal como os homens, não se tatuam frequentemente $20,00 \pm 8,00 \%$.

Igualmente entre elas predominam as estigmatizações no rosto — $12,00 \pm 6,00 \%$ apresentando-se iguais as percentagens dos tatuados no tronco e membros, e em todo o corpo $4,00 \pm 4,00 \%$. A maneira como se realizou a distribuição dos indivíduos, segundo as várias partes do corpo mutiladas é semelhante nos Cuangares de ambos os sexos.

Comparando os dois povos bantos sob o ponto de vista das mutilações étnicas em estudo, encontramos apreciáveis diferenças. Os Mucussos tatuam-se muito mais amiúde do que os Cuangares e quase sempre no tronco e membros, ao passo que os Cuangares preferem mutilar-se no rosto.

O motivo da primeira ocorrência deve provir, certamente, de um maior contacto dos Cuangares com as Missões religiosas e com os funcionários da administração local.

4. Outras mutilações:

Mucussos e Cuangares, ao contrário da maior parte dos bantos da província portuguesa de Angola, não realizam a circuncisão — considerada normalmente entre muitos povos não civilizados como uma etapa decisiva para alcançarem o estado adulto; os dois povos explicam a ausência desta mutilação pelo grande número de óbitos que surgiam nas épocas não distantes em que ainda faziam a operação.

As raparigas mucussas e cuangares também não praticam muti-

lações genitais; sujeitam-se, no entanto, às cerimónias rituais do «txisu» depois das quais são incluídas entre as adultas.

Os povos em estudo não realizam outras mutilações além das que acabamos de expor, a não ser as pequenas incisões com intuitos terapêuticos. Entre os Mucussos e os Cuangares, não se verifica a ablação das falanges, nem a perfuração do septo nasal, ou a trepanação craniana.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, ANTÓNIO DE — Sobre mutilações dos aborígenas de Angola, Lisboa, 1957.
- ALMEIDA, ANTÓNIO DE, e MARIA EMÍLIA DE CASTRO e ALMEIDA — Sobre as mutilações étnicas dos Cassequeles de Angola. Boletim do Instituto de Angola, n.º 4, Luanda, 1954.
- ALMEIDA, ANTÓNIO DE, e MARIA EMÍLIA DE CASTRO e ALMEIDA — Sobre as mutilações étnicas dos Cazamas de Angola. Boletim do Instituto de Angola, n.º 7, Luanda, 1955.
- BETTENCOURT FERREIRA — Cit. de António de Almeida.